

O futuro da EJA no formato EAD pós-pandemia

Sergio Jose da Silva

Resumo

O objetivo deste artigo é abordar sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na modalidade de Educação a Distância (EAD). Evidencia-se este tema devido à situação de pandemia da Covid-19, momento em que todos tiveram de se reinventar para dar continuidade a seus trabalhos. Este breve estudo apresenta-se a partir de consultas bibliográficas sobre a Educação, demonstrando que o formato EAD estará presente no pós-pandemia.

Palavras-chave: EJA, Tecnologia, Professor, Aluno, Política Pública

1. Introdução

O trabalho versa sobre esta temática porque este pesquisador em 1996 retomou os estudos do ensino médio na EJA. Neste sentido, há um caráter pessoal com a pesquisa, considerando a importância desta modalidade de estudo vivenciada na prática. A EJA é uma ferramenta de inclusão de política pública brasileira com poder considerável. A relação entre professor e aluno e as dificuldades deste relevante acontecimento na vida de um ser humano e toda sua complexidade de estar interagindo de forma EAD durante uma pandemia e como tudo isso abre possibilidades nos pós-pandemia, no novo normal, trará novos desafios e oportunidades.

O ensino EAD, durante a pandemia, para alunos do EJA, foi algo espetacular, inovador e repentino, pois se tornou a única opção para milhões de alunos e professores que tiveram que se reinventar. O governo já prevê um método de ensino híbrido como forma de contingenciar o número muito maior de alunos que irão voltar para escola. Desta maneira, a Educação para Jovens e Adultos, deve ser considerado como prioridade para gestão pública a fim de que cada vez mais seja possível incluir aqueles de que uma forma ou outra tiveram que abandonar os estudos, principalmente devido a pandemia onde muitos tiveram que evadir da escola em busca de alguma forma de garantir ou auxiliar no sustento da família. Caso contrário será como ter nadado um oceano e morrer afogado na areia da praia.

2. EJA na Era da internet global e ilimitada do 5g

Segundo dados da Unicef, 3,8% dos estudantes com idade entre 6 e 17 anos abandonaram as escolas em 2020, aproximadamente 1,38 milhões de pessoas. Os dados são maiores do que a média da PNAD do ano anterior, que registrou 2% dos estudantes. (Fonte: tutormundi.com/blog/evasao-escolar/)

Essa multidão que está fora das escolas e certamente na busca de uma recolocação no mercado de trabalho que atualmente também está cada vez mais desafiador e competitivo e até esta data com o Brasil com 15 milhões de desempregados. Somando tudo isso a evasão escolar e desemprego os desafios são ainda maiores que nas décadas passadas.

Segundo Resolução N°01/2021 de 25 de maio de 2021, O único requisito para o ingressar na EJA é que os jovens tenham idade mínima de 15 anos para o ensino fundamental que deveria ser concluído aos 14 e 18 anos para ensino médio que deveria ter sido aos 17 anos. Veja, deveria ter concluído, mas estará começando. Isso faz toda diferença. Isso demonstra entre outras coisas que a evasão escolar se dá por diversas razões e que cada vez mais cedo os jovens estão evadindo-se do ambiente escolar. A pandemia agravou esse dado.

A reprovação e abandono do ensino mais a distorção entre idade e série escolar são problemas recorrentes no cenário educacional brasileiro isso já sabemos e que antes da pandemia era temas discutidos apenas em reuniões dentro das escolas e ministérios. Mas hoje a realidade foi outra e a sala de aula pulou para sala de casa e todos puderam ver e sentir a realidade escancarada. Pais, mães, avós, tutores todos tiveram que arrumar tempo e maneiras de acompanhar de perto a educação de seus entes. Puderam sentir suas dores, seus medos e desafios. Puderam sentir como além de incentivar os jovens, existe o desafio ainda maior de direcioná-los e ao mesmo tempo proporcionar uma educação de qualidade. A Covid-19, mostrou essa realidade e escancarou a acentuada disparidade socioeconômica do país que ficou ainda mais evidente comparando um aluno que podia continuar os estudos acessando uma rede Wi-Fi e outro compartilhando um celular com dois ou mais irmãos, colocando créditos com o que sobrava do **auxílio emergencial**. Então não há como dizer que as

oportunidades são iguais para todos. Nunca foram e agora é muito mais evidente esta diferença.

No ano passado, foram cerca de 5,5 milhões de crianças e adolescentes sem acesso à educação. A quantidade de alunos, com idades entre 6 e 17 anos, que abandonaram as instituições de ensino foi de 1,38 milhão, o que representa 3,8% dos estudantes. A taxa é superior à média nacional de 2019, quando ficou em 2%, segundo dados da Pnad. Somado a isso está a situação de 4,12 milhões de alunos (11,2%) que, apesar de matriculados e sem estar em período de férias, não receberam nenhuma atividade escolar, resultado do ensino pautado pelas aulas online (UNICEF, 2021).

Os dados estão compilados em estudo do Unicef (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para Infância), intitulado “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar”, que reflete a realidade de muitos dos jovens do Brasil, especialmente àqueles em situação de maior vulnerabilidade.

2.1 Um computador para 23 alunos de EJA

O professor aponta que a desigualdade de idade do ensino regular em comparação ao do EJA, onde pessoas ficam anos sem estudar e até sem contato com o mundo virtual é um problema prático do dia a dia.

Segundo dados do censo escolar do Inep de 2018, são disponibilizados pouco mais de dois mil computadores para os alunos de 117 escolas do DF que oferecem o EJA.

“A ideia dessa ação do Programa Escola do Futuro em Casa (EAD da Prefeitura do Recife) é assegurar e manter o vínculo com os estudantes, para que possam dar continuidade a aprendizagem e interação, minimizando desta forma os prejuízos pedagógicos acarretados, decorrentes do afastamento prolongado da escola”, afirma o gestor da Unidade de Jovens e Adultos da Seduc Recife, Bruno Oliveira.

Lucas, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II e morador da Brasilândia, zona Norte da cidade de São Paulo, deixou os estudos no ano passado. Hoje, aos 17 anos, começou a trabalhar como mecânico com o pai. “A realidade dele é a mesma que a de muitos jovens por aqui”, conta o líder comunitário Rodrigo Olegário. “Tem uma família que, entre sobrinhos, primos, irmãos, somam umas 10 crianças que abandonaram a escola no ano passado”.

Entre os motivos está a falta de acesso aos recursos tecnológicos e à internet, o que inviabiliza o acompanhamento das aulas remotas, e, também, o fato de precisar contribuir com renda dentro de casa, necessidade que aumentou em meio ao contexto de pandemia.

Por outro lado, Ana Carolayne, de 18 anos relata que “Descobri uma inteligência enorme dentro de mim que eu não sabia que eu tinha”. A jovem estava em atraso escolar antes da pandemia de Covid-19 e recebeu a oportunidade de retomar os estudos, cursando duas séries ao mesmo tempo, por meio do Programa Sergipe na Idade Certa (ProSIC), do Governo de Sergipe. O programa foi criado a partir da estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar (TSE), parceria do UNICEF com o Instituto Claro, para enfrentamento da cultura do fracasso escolar no Brasil. Vale a pena dar uma espiada em <https://trajetoriaescolar.org.br/> e ver como anda seu município e estado. Não se assuste com os números é apenas a realidade em números e que ninguém fala.

Pesquisa realizada entre abril de 2019 e o início de maio de 2020, com quase 4.000 redes municipais de ensino que mostrou que apenas 33% dos domicílios brasileiros possuem computador e acesso à internet. Fato!

Ainda não há dados oficiais, para saber o número de estudantes que deixaram a Educação de Jovens e Adultos, em virtude da pandemia. Porém antes da pandemia da Covid-19, no ano de 2019, uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) aponta queda de 7,7% no número de matrículas de alunos na EJA, a nível Brasil. Esse número deve aumentar assustadoramente nos anos 2020 a 2021.

Apesar do cenário caótico a sempre uma luz no fim do túnel, Professores comprometidos e corpo pedagógico eficientes fazem grupos no WhatsApp, por onde se comunicam passam lições e tiram dúvidas e não medem esforços para que a EJA continue sendo um importante porta de entrada para melhorar a leitura e o aprendizado. Apesar de tudo que esses dois anos trouxeram muitos profissionais fizeram a diferença e continuam a fazer. Se não fossem esses heróis anônimos, sem dúvida os danos seriam ainda maiores. Professores fazem vídeos explicando a atividade e os alunos, enviem fotos, mas, as aulas não se comparam nem um pouco com a presencial, mesmo assim os esforços são válidos e o desafio serão vencidos. As redes sociais tem disponibilizado ferramentas gratuitas para auxiliar professore nesta árdua tarefa, como o Google

Meet, Canvas, etc. Algumas experiências foram aplicadas e apresentaram êxitos. E todas as experiências devem ser aproveitadas.

Desenvolver canais de comunicação via internet com os estudantes, dos mais variados segmentos de formação, deverá ser uma realidade daqui para frente. Uma necessidade para vencer as adversidades, para alcançar estudantes de diferentes idades e localizações, do condomínio ao morro, da cidade a aldeia. Melhorar a comunicação, a conexão e as opções para a Educação de Jovens e Adultos reorganizando calendários e atividades não presenciais. Investir em apostilas e impresso enviadas via correio ou retiradas em escolas para acelerar esse processo e onde alguns podem considerar como um passo para trazer em plena época dos vídeos conferencia. Na verdade, seria apenas um movimento estratégico no tabuleiro de xadrez onde devemos dar um cheque mate na evasão e no atraso escolar.

Como em outra experiência positiva os 280 reeducandos que começaram a reescrever uma nova história. Matriculados em cursos de graduação a distância, buscam não somente o diploma universitário, mas, principalmente, um recomeço de vida em 12 unidades prisionais no estado de São Paulo. (<http://www.sap.sp.gov.br>)

O curso é ofertado na modalidade Ensino a Distância (EAD) **offline**. Desta forma, não há a necessidade de acesso à internet para acompanhar o conteúdo, composto por livros impressos produzidos pelos professores de cada disciplina e organizados em formato de plano de estudos, que apresentam a ordem exata que precisa ser estudada, e videoaulas gravadas em DVD pelos mesmos docentes. Experiência que está dando muitos resultados positivos. Mesmo porque esse método de ensino já é usado a décadas por diversas instituições pelo mundo. No Brasil o antigo e atual Instituto Universal Brasileiro utiliza o método de ensino Impresso, em CDs e complementando com aulas On-line. Uma fórmula que poderá dar mais acessibilidade a todas as pessoas.

A humanidade enfrentou durante a pandemia inúmeras barreiras e nesse novo normal será ainda mais desafiador na educação para instituições, professores, alunos e governos em todas as series.

Em plena era digital uma das prioridades deve ser a de criar políticas públicas eficientes e que por resiliência devem aproveitar toda a experiência adquiridas neste período e entre erros e acertos transformar tudo isso em um

grande salto na educação. Adaptando-se a esse novo momento que nos obrigou a implementar novas teorias educacionais e assim como as vacinas contra covid-19 que foram desenvolvidas em tempo recorde em vários laboratórios espalhado pelo mundo assim deve ser na educação. É para ontem, é para já obter resultados eficientes e concretos.

A EJA democratizou o ensino, ajudando milhares de jovens e adultos a concluírem o ensino. A esperança de quem lecionava nas salas de aula do Brasil inteiro é que cada vez mais as salas de aula do EJA ficassem cada vez mais vazias até não se fazerem mais necessárias. Isso seria o maior e mais eficiente dado de que a educação estava no caminho certo e que as políticas de inclusão de jovens nas escolas estavam começando a dar resultado.

Obviamente o EJA sempre será necessário em todo mundo, ora por motivos sociais, catástrofes naturais ou em guerras como na história real narrada no filme (Lição de Vida, 2010, Direção: Justin Chadwick que conta a história de Kimani Maruge, um queniano de 84 anos que está determinado a aproveitar sua última chance de ir à escola. Desta forma, para aprender a ler e escrever, ele teve que se juntar a crianças de seis anos. Em um país devastado pela guerra e que ele ajudou a defender esse é um exemplo real de inúmeras razões do porquê um indivíduo ou um grupo de indivíduos deixem de concluir os estudos no tempo correto. Poderíamos contar inúmeras histórias e razões.

No final de 2019 a pandemia do novo Coronavírus trouxe átona desafio para humanidade e obrigou os governos do mundo todo a tomar medidas de distanciamento mesmo que a contra gosto, foi uma das medidas que mais salvou vidas, afinal ninguém sabia com o que estávamos lidando.

Em meados de março de 2020 as aulas foram interrompidas no modo presencial.

Assim das creches as universidades tivemos suas aulas transferidas da lousa para a telinha do celular, em grupos, privados ou vídeos chamados. Tudo era novo. Até para quem tinha experiência com a tecnologia. No modo EAD tudo isso trouxe uma nova série de interrogações para alunos e professores.

Ao imaginar como foi essa adaptação do EJA, vislumbro como deve ter sido para alfabetizar pela tela do celular. O grande desafio de aprender a ler e escrever e de quebra entender e lidar com toda essa tecnologia atualizada diariamente e contando apenas com uma conexão 3G e muitas vezes off-line.

Continuamos nossos trabalhos em home office, estudos e por assim dizer até nossas relações humanas com amigos, familiares e até comerciais, de repente tudo virou delivery, de repente tudo passou da lousa para tela do celular fomos obrigados a adaptar.

A aula presencial onde bastava um aceno com as mãos e o professor já podia em tempo real sanar a dúvida dos alunos. Diferentemente na tela de celular os questionamentos precisam entrar em uma fila de espera, pois professores também encontraram dificuldades para administrar essa nova demanda e até mesmo de qual melhor forma usar esse novo formato de lecionar, um verdadeiro laboratório ao vivo e em cores na velocidade da banda larga ou do 3G dependendo da localização de cada indivíduo envolvido no processo, pois nem todos tem a rede a disposição como já salientei acima. Esse deve ser a maior barreira neste novo normal. Acessibilidade há internet para todos.

Em uma pesquisa breve pelos sites de busca encontramos centenas de escolas virtuais todas com polos presenciais oferecendo o tão sonhado diploma de ensino fundamental e médio pelo método EAD assim como cursos técnicos, Graduações e Pós Graduação. Ou seja, dependendo obviamente do esforço individual, pode-se partir da alfabetização e chegar ao diploma universitário totalmente EAD. Isso é incrível, prático e eficiente.

Com a finalidade de que essa toda essas experiências sejam alcançadas de forma efetiva e o mais abrangente possível, devemos despertar e proporcionar para todos os cidadãos a oportunidade de crescimento igualitária. Permitindo que tenham cada vez mais acessibilidade aos recursos disponíveis on e off-line.

As políticas públicas devem incentivar e criar plataformas digitais que permitam que cada vez mais pessoas tenham acesso a esses benefícios. As mesmas ferramentas digitais usadas para alfabetizar será usada obviamente na vida profissional do indivíduo. Pois a tecnologia está presente em todos os setores. Todos sem exceção. Serviços, indústria, comercio, turismo. Ou seja! O aluno aprende simultaneamente a ler escrever e no futuro estará operando um robô em uma indústria, usando o conhecimento adquirido na pratica.

Chego a arriscar que deveria ser um dos quesitos primários para receber algum tipo de benefício governamental o de estar participando de algum curso

afim de que a assistência e o crescimento individual andem paralelos e este seria a maior vitória alcançada.

2.2 O FUTURO

“Ainda não há um trabalho que defina permanentemente a Educação de Jovens e Adultos somente pela internet. Mas, essa modalidade poderá ser híbrida, de acordo com a Secretaria de Educação do Recife, em meio ao “novo normal” e às infinitas adaptações para manter a conexão com os estudantes, além de cumprir as orientações alinhadas juntos a Gerência Estadual de Ensino, avalia-se um novo programa para uma educação a distância para a EJA.”

Por outro lado, avaliando a proposta, em caso de implementação municipal ou estadual, o professor André Luiz diz que a "ideia é boa", no entanto, não alcança a todos; o docente aponta prejuízo à aprendizagem dos alunos, principalmente aos mais velhos. “Educação a distância está sendo uma coisa muito difícil para os nossos alunos, porque os alunos das redes estadual e municipal têm uma certa dificuldade de acesso à internet, que também dificulta qualquer planejamento. A ideia de aula remota é boa, inclusive são aulas bem feitas, porém a acessibilidade é que é o problema. E o aprendizado deles [alunos], acredito que tem sido quase nenhum, pois eles [estudantes da EJA] precisam da nossa presença incentivando o trabalho diário”, conclui o professor.

3 Conclusão

Por fim tudo isso se resume em posso afirmar que, a educação sempre foi o ponto mais importante e fundamental para o crescimento do indivíduo e consequentemente do país. Hoje devemos mais que nunca firmar esse proposito para que possamos garantir as futuras gerações um futuro promissor e que posamos lá na frente olhar para o passado e verificar que conseguimos recolocar os trilhos no lugar e fazer deste momento um degrau e não um obstáculo.

Referências

PORTAL educação. Disponível em:

<http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/> Acesso em 1º de dez de 2021.

SECRETARIA da administração penitenciária. Disponível em:

<http://www.sap.sp.gov.br> acesso em 1º de dez de 2021.

UNICEF. Enfrentamento da cultura e do fracasso escolar. Disponível em:

www.unicef.org/brazil/relatorios/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar

Acesso em 1º de dez de 2021.